



SILVA CARVALHO
PORÉTICA EDITORA

EXÍLIO II



SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

EXÍLIO II

O ESPELHO

O espelho quebrado e alistridente,
fenda do arguto perquirir dos espaços quentes,
o espelho dorme e eu velo a minha natureza morta,
como outrora na Grécia as carpideiras da memória,
ou o galo maldito dos contos esbeltos do norte abrigo.

Chamas! Chamas! Na noite sobretudo, agora,
chamas ou escamas, sóis e lençóis, infinitos,
lágrimas secas e rios dúbios, cheias mordazes,
eu vi-o, não me perguntem como nem quem,
eu vi-o como me vejo agora, sem superfície,
e a amargura dura da ausência encheu meu delírio.

Sim, o sinal prospera, mas em que direcção?
Sim, a força domina, mas quem?
Sim, a morte vence, eu sei!

24/8/1972

AO ACASO

Assim, como se nada fosse,
diante do crepúsculo que é o século,
velho por dentro, demasiado ao acaso,
nos caminhos onde tropeço,
também eu poderia esgarçar as girândolas
da loucura com um gesto mágico aprendido outrora.

24/8/1972

ENCRUZILHADAS

Vi nas encruzilhadas,
ilhas de desespero onde as opções
são desejos e crimes,
vi nas bermas das estradas, esgoto quente,
os cardos dormentes e as insinuações vividas, vi sobre a terra
longamente devastada o sinal de um outro mundo
e de uma outra era, mas o mundo era mentira
e os sinais fulgentes, clamores de um nada
que nascia e vivia, saído da insatisfação
e do magro desespero.

29/8/1972

OUTRORA

As alegrias puras, fora do domínio da reflexão,
foram as que me sulcaram outrora,
no tempo insano das fúlvidas auroras
e do esplendor suado de um arrebol.
As alegrias sem mais nada!...

ERA

Outrora, sem dúvida, algures,
longe dos anos terebrantes e das brisas
que traziam raivas e domínios de maldição,
eu fui, não o rei nem o chefe do reino,
mas o homem que nasceu do homem-vulgo

e que viveu o homem em cada passo dado,
como a presença de algo que morre
ou desaparece ou se esvaece: tempo
de agonia, a idade avança, o clamor esfria,
a era metamorfoseia-se, mas em quê, em quê?

29/8/1972

A EXPERIÊNCIA

Se queres encontrar-te vivo e presente
faz a experiência do silêncio e do vazio:
só se encontra o que nunca se almejou!

29/8/1972

O CLANGOR

Venham os caixotes do lixo redentor,
a seiva estéril,
o clangor
das batalhas vindicativas de qualquer coisa,
venham as rosas e os espinhos
da natureza apaixonada:
debaixo da minha máscara
o tempo tece
uma ilusão!

6/9/1972

NADA

Ser e viver, morrer e nascer,
eis que o universo é homem,
mas o homem é já nada.

8/9/1072

UM CRIMINOSO

Atingi aquele estado
em que a poesia é impossível,
não por culpa minha ou dela,
mas porque a época
é impossível e porque a loucura
ainda existe.

Faço-me compreender?
Viver, sim, é certo,
cefaleias durante a semana,
sono ao domingo,
trabalho que se arvora
na alma deserta
e que do corpo faz um maltrapilho
raivoso.

A grave questão: poder-se-á ser poeta
hoje em dia,
ou apenas um criminoso agressivo?

17/9/1972

O MUNDO

Disseram-me que o mundo
vai mudar para melhor,
eu só vejo polícias e matracas e muito medo
espalhado, homens
contra as fachadas, violações e roubos,
sociedades que se consomem
e revoltas abortadas.

17/9/1972

AS POEIRAS

Não mais as poeiras.
Não mais os passos antigos.
Violações que foram cânticos
e cânticos que são castigos.
A aurora dorme, ó doida solidão!

1/10/1972

AMÁLGAMA

Vítima, clareira aberta, a floresta ardeu em redor,
flor de um incêndio maldito, amálgama de dor,
alistridência de fugas, altos desígnios para cumprir,
felicidade estúpida que vence e acaba por fugir.

1/10/1972

DISERTO E DESERTO

Não quero ser diserto quando sou deserto,
não quero mentir mais.
Escrevo no imediato,
real de ser,
sem grandes palavras luxuosas
ditadas pela prolixidade
e pelo lazer,
escrevo a poesia da fealdade
e quero da vossa parte a leitura
do desprezo.

1/10/1972

O VAZIO

A desolação mais completa,
o vazio mais vazio,
o frio mais frio,
preenchendo a intelectual subtileza
de não ser.

Ser esse estado vazio que paira
sem limites de tempo ou de espaço,
ser o impossível feito possível.

Indeterminado nada.
Mas sem palavras.

1/10/1972

SENTIR

A discrepância de sentir.

A exegese do ilimitado
no indeterminado.

Eflúvios ideais e cegueira espacial.

Símbolos. Rictus. Febre.

Terminologia das faltas,
erros graves,
a poesia é um balanço do irreal maior.

Só o caos nos pode valer.
E depois, não.

5/10/1072

DESENGANO

Os gritos quando fui grito
e sofrimento.

Nada mais resta da fogueira
que brilhou,
nem as cinzas de um desengano encanecido,
nada,
ausência de fogo
e violação do sítio.

8/10/1972

LIVIDAMENTE

Velhos panfletos que foram verdades das idades,
apanágio do tumulto que inundou o mundo,
ceifas que se cumpriram, sonhos de fogo na água,
almas vazias e esfriadas, a terra dorme, ó mal,
e a palavra da pobreza está lividamente cansada.

18/10/1972

A PALAVRA

Apóstrofes e violências, carinhos falsificados,
a solidão é um deserto gasto e a sede estrangula.

No medo de ser, escrever é uma fatalidade,
ó crueldade, imagem do estar, delírio de morrer.

Só a pedra que é eternidade merece a palavra.

18/10/1972

VÉUS

Duvido do sol e espero as faúlhas.
Falsidade, amargura, palavras malditas,
o silêncio absorto despede-se dos véus
que eu, signo infinito, ainda fito.

25/2/1973

AMBIGUIDADE

Amo a ambiguidade da poesia que edifico,
um verso terso quando uso o tempo,
um ritmo tenso quando espero o espaço,
aço de uma nova razão que invento.

Falei com o nada, e soube-o assumir.
Raiva que me aquece. Na poesia do ser há loucura
e brandura feita dos calhaus amigos.

25/2/1973

ÉPOCA

Já não me olho no espelho do tempo
porque conheço de cor as alterações
do espírito: envelheço e torno-me espelho:
o mundo aí está na tensão de uma época.

25/2/1973

O FULCRO

Falta-me a essência das idades, o fulcro das estações.
Fui velho na juventude, serei jovem na velhice.

Sinto-me perdido. Apego-me à ideia do suicídio.

25/2/1973

UM ESTRANHO

Ainda sou um estranho para a natureza.
Fereza nas palavras, ódio.
Sinais perdidos que o ocidente cristaliza.

Há mais mundos, não é verdade?
Mas onde, onde?
Renego-me como existência:
sou ausência e consinto-me.

25/2/1973

ESQUECIMENTO

Quero querer, e creio no que quero:
sono e esquecimento, tanta solidão
nas línguas aprendidas pela cultura!

25/2/1973

ABISMO

Não tenho medo do universo. Acho-o tão insignificante,
tão desnecessário, que diante do meu pensamento
só encontro compaixão pelo fora, outrora ilusão temível.

Sou ambíguo porque não desejo mais ser justo.
Basta-me a potência do meu sofrimento
e a luz que se desprende do meu abismo.

Falo da aurora e a aurora é um crime.
E a esperança, e o futuro.

25/2/1973

FELIZ

Burilei a pedra e pedra permaneci.
Joguei a vida na estética da perdição.
Perdi-me no fogo da paixão.
Fui longamente grande, quero dizer,
inumano e odioso como um sonho.

Não quero mais livros para ser feliz.

25/2/1973

CARNE

Digo-me quando sou mundo contendo os outros.
O ódio não é um mal. Nem o amor.

Tentei imitar os homens e perdi-me.
Tentei ser o universo e afastei-me.
Tentei voltar às raízes e enterrei-me.

O cheiro da minha carne queimada espalha-se:
escravo, travo, escamas, tramas: um sim, um não.

25/2/1973

CLARIVIDENTE

Fazer da impotência uma nova ciência,
e sobretudo vencer, vencer.

Quanto mais clarividente, tanto mais...
Impossível. She is so heavy!
Sables, sables, la vie se venge...

Inspiração. No meio das tréguas,
como uma chuvada de pedras, a inacção.

O sentido novo de uma maneira de ser.

Matam-se os homens e vendem-se jornais.
Lê-se o coração e sofre-se do fígado.
Não é absurdo, tudo é clarividente.

Frases que nascem na noite
e morrem ao amanhecer.
O ser que se transmuda e se esvaece
como fumo.
Temor.

A cabeça do universo não possui ideias,
teias do ser que se tecem no vazio.

Miséria na semana e repouso ao domingo.

Que mais pode dar a civilização ocidental?

1973

O FIM

Disseram-nos que vamos perder.
Mas o quê?
Disseram-nos a beleza dos últimos momentos.
Falaram-nos da Grécia e de Roma. O fim.
Há muito de mediocridade na palavra.
Assistir ao declínio não é um bom espectáculo.
Ah! Os fins das civilizações. Outrora como hoje.

1973

PERDIÇÃO

A modernidade dos homens fatiga-me
e na sociedade só o crime trabalha e vence.
Não é o amor que salvará o mundo.
Nem talvez a dor. Nem a guerra.
Nada poderá salvar o desejo de perdição.

O mundo só espera o sinal do propício
para se desencadear no fogo do precipício,
a morte também é civilização.

Nem os risos, nem os mimos, nem os livros,
mas a escuridão onde nos implantamos
para fugir à descoberta da nossa condição:
ser dor e querer ser, no ódio e no amor,
sem perguntas nem respostas, sem sim nem não.

1973

UNIDADE

Tornar o real evidente, mas para quê a maldição ou a fome da pobreza, se os rios são indiferentes à nossa existência?

Nem Verbo. Nem descoberta. Nem novidade.

Ser fatalidade fora de todo o enquadramento,
desprotegido do homem, isolado do pensamento,
na unidade de se ser
entre começo e termo.

1973

MEDIAÇÃO

Nem só de poesia vive o homem, a medíocre mediação do inimaginável, o corpo tece-se de febre e de sangue, o espírito com o peso da vida é cadáver. Pobre da europa que é tão miserável, e das américas que são tão desumanas, pobre do poeta que é exílio de mármore, e das poesias que são tão desossadas.

1973

A PALAVRA

Infinitamente, no limite de uma outra realidade,
a palavra que tropeça como um cego vidente,
a palavra que necessita de espaço e de tempo
para se tornar finalmente nova e presente.

De desgosto a palavra ainda se escreve,
rictus no seio do enleio,
ferocidades breves,
o poema constrói-se da ausência de esperma
e a criação torna-se vazio e acaso.

11/3/1973

DEVERAS

Não sei o que fazer à minha morte.

O guerreiro esmorece, a loucura estremece,
a tristeza é mais amarga que as próprias fezes.
É-se como uma pulsação rodeada de trevas
e a pedra que nos asfixia atrai-nos deveras.

11/3/1973

O SENTIDO

Reflecto
sobre o sentido maldito da existência.

Em que mundo poderia eu ser mais feliz?
Em que sociedade saberia eu reconhecer o social?
Em que humanidade encontraria o ser humano?
Em que morte me despojaria do manto mortal?

1973

ÓDIO

Há ódio em cada frase escamoteada do presente,
o ferro de antanho e gume doido do ausente,
há ódio em cada face que cruza a trivialidade,
um olhar que morde, um rictus que se abre.

Triste que o mundo não possa ser mais amigável,
ou que o homem não queira ou não saiba ser mundo.

1973

NOITE

É noite e no café onde passei muito da miséria
eu vejo entre as vidraças da nossa anfígama era
os rostos dos desconhecidos que se fazem homens.

1973

DESTINO

Não falo com ninguém. Ignoro-me. Desci à rua,
vi carros que passam e gente que passa,
achei que tudo estava bem e não chorei.

Já não possuo destino, ou então engano-me.
Mas sou feliz. Nada me chama, o sexo mexe-se
com os primeiros calores, estou ainda tão vivo,
e quero ser vivo mesmo sabendo que há dor.

Criam-se panóplias e as panóplias asfixiam,
mesmo quando ainda há a presença do orgulho.
E no engulho a vida que nos foi roubada
persiste em ser a nossa vida, mesmo arrasada.

1973

HOJE

As fortes personalidades. Deixa-me rir.
Os talentos. Os génios. Deixa-me rir.
As inteligências. A acuidade.
O brilho.

Hoje eu chego a amar a poesia que odiei.
Não me perguntem porquê.
Mas já o disse.
Procurem, ó gentes, procurem.

1973

MEMÓRIA

Sou tão desprovido de memória que me plagio.
A temática dos meus livros alicerça-me ao infinito.

Ontem ainda eu pensava ter vivido o futuro.
Hoje já nem sei se o passado foi realmente.

1973

UMA HISTÓRIA

É fulvidamente noite e preciso de o dizer.
Cada etapa da vida, cada salto na imagem do desassossego.
Mas descansa, que hoje só tenho uma certa melancolia
e este esdrúxulo prazer de estar e de ser.

Soaram horas num relógio e o tempo não existe,
ouço o fora como um carro que passa e resvala,
a europa ou só o bairro dorme como um sinistro,
mas que importa, se a alma brilha e se espalha.

Não quero o luxo de me pensar alguém,
olho em volta e revejo nos objectos sussurrantes
uma história para ser contada nos livros futuros.
Mas com que palavras se a arte perde os homens?

1973

NUNCA

Nem hoje nem amanhã. Nunca. O quê?
Rio-me dos símbolos que se arvoram meus inimigos,
do pretenso clima da desordem colho tranquilidade.

Fecharam-se as portas da eternidade tão odiada.
O reino limita-se ao suor de se ser escravo.
Corre-se a vida como uma luz desaparecida.
Aqui estamos para perpetuar o último enigma.

1973

O INSENTIDO

Que destruímos para nos sentirmos tão abandonados?
De que edifício caíram todos esses calhaus em volta?
Em que cataclismo vivemos a perdição da alma?
E sobretudo, por que não começamos a construir?

Com que medo nos fazemos desolação e lágrimas,
que covardia tolheu o tesão da nossa juventude,
que inimigos nos venceram na batalha perdida?

Meu ser não tem nenhum sentido.
Que faço aqui num perpétuo esviscerar do abrigo,
e que equação me pode definir se sou e não vivo?
Em que caos terá razão o insentido do meu viver?

Há uma velha canção no âmago doente do mundo.
A memória perde-se em tudo.
Resta apenas a escória do turbilhão de palavras
que nada conseguiram para acalentar
um só homem.

1973

CINZAS

Clangores e fedores, fim, fim, mesmo no devir.
Sonhos e escarros, poéticas pobres, mortalias.

Sulcos no parapeito da civilização e nas entranhas.
Fogo no delírio que consome a fatalidade da noite.

Quero no roldão do acme o silêncio da morte.
Deixa-me ser no intervalo da ignomínia atroz.

Deixa-me beijar o cu monstruoso da estátua.
Tanta vida na loucura que se concentra alma.

Alma. O próximo universo será mais humano.
Nas cinzas da velha cidade, tudo se perde, e etc...

1973

UM VERME

Sobe, sobe, sobe sobre a angústia
de ter sido passado
o velho ritmo que forjou a ambivalência,
quem sou,
se nada se reveste de essência?

O que digo, senão a náusea do não?

Quero-te como este calor no meu vazio,
este roldão de chamuscas que nada criam.

Quero-te dispersão como um verme da revolta.

Sobe, sobe, sobe, alaga-se o meu corpo de suor.
Onde estou? Quem sou? Ah, as areias
do tempo.
Em que universo serei uma pedra
do humano,

Em que desrazão vou eu construir o meu habitáculo?
Deixa-me ser, grito, grito, deixa-me ser.
Ah! Século de castradores, o que fizestes do século?

Vejo homens que cansam nos olhos vazios da máquina.
Vivo homens que morrem na desolação do deserto.

1973

MEDIOCRIDADE

A estridência morreu e sou feliz por ser eu.
A noite rumoreja como uma fêmea com cio.
Sou um sexo erigido ao vazio do céu estrénuo.
Colho do silêncio vãs sentimentalidades.

Um eflúvio do desamor percorre-me como um espasmo,
sucos do deserto que se fizeram angústia das horas,
laivos que não suportam a hedionda mediocridade,
mas a vingança terá sempre o seu lugar ao meu lado.

Eu sei, mais do que ninguém, que acabando tudo se acaba.

1973

A FEALDADE

Os brancos não me fazem mais mal.
Apostos no meu destino são apelos de absoluto
que ora temo ora violento,

e se a revolta não transparece mais nos meus gestos,
ela esconde-se no mutismo
que constrói a minha carne.

Olho-me no rosto das gentes, essa fealdade
ignota, revejo-me nos passos marcados
nos trilhos dos dias, aqui
uma mancha que significou talvez um declínio,
ali uma fulgurância que quis ser,
sem dúvida, amor.

1973

CRIAÇÃO

Houve eras em que o homem se falava e desconhecia
a náusea, ligaram-se por mistérios de sangue
os membros dos povos,
fundaram-se cidades que prosperaram
entre a injustiça e a glória.
Depois, como uma irreparável maldição que desce
sobre o que nasce,
a desolação começou a gangrenar as pedras
do edifício ilusório.
E um dia, dessa história, só ficaram sobre a terra
vestígios, poeira de significados que, esquecidos,
se perderam no nada,
até ao vazio inocente que predispõe
ao culto da criação.

29/5/1973

TERROR

Disse-te a verdade. Quem era.
Da noite donde fui tirado um longínquo terror
permanece que corre ainda nas minhas veias,
a morte onde cansaço me edifico,
a sorte que derrubei num comício,
a extensão imperdoável de não ser tudo ou nada,
flâmulas que me paralisaram e sonhos arruinados,
mesmo se a palavra me fala
e não compreendo o sentido.

1974

DAS COISAS

Escrever outos sentidos com outras palavras.
Criar na ignorância do ser
uma aurora inesgotável,
um perpétuo deslizar do impessoal
suceder das coisas.

Procuo na intentona intelectual a salvação.

Tento expungir o que de passado não sei comandar,
a ilusão de ser homem
no seio cadavérico do social,
a intemperança gratuita de me sentir animal,
tento com árduo fervor exsicar a mania quotidiana.

1974

O REDOR

Pausadamente fito o redor
que agora delimita a estesia do possível.
Escrevo, contudo, no contexto doloroso da palavra,
os sentimentos que surdem imperiosos do nada
e explodem como avalanches
no meu coração cansado.

Quais subterrâneos sentimentos
e que melodia?
Espero atingir o cerne humano das experiências
vividas, escorrego por entre destroços
de temperamento esporádico,
teço um estranho holocausto à volta dos meus passos.

Não sei o que digo.
Abro-me às pessoas que me rodeiam,
confesso sibilinas impressões
que nascem do quotidiano,
espreito na solidez da realidade
que não sei se vivo um sentido capaz de me harmonizar
com tudo o mais.

E não sei se sou.
Quero dizer, ignoro-me agente
do fautível e corrente exclusiva da história,
o que faço inscreve-se no gratuito como uma esmola,
os feitos que pratico não são dignos de uma memória,
esbarro assim contra o muro do absurdo.

1974

PRAZER

Vou no meu terrível espaço e aqueço com fachos
a sensibilidade dotada de uma impossível missão.
Estremeço quando a palavra irrompe e brilha,
apago-me nas cinzas estremes dos novos enigmas.

Querem-me igual aos outros homens e eu sorrio.
A família extinta ou a sociedade aflita
não corresponde mais ao desejo hodierno
que quer a todo o custo tornar-se prazer.

1974

LEVEZA

O imputrescível desceu ao meu convívio com os demais,
sofro como uma cúspide as amizades periclitantes
que outros se dignam oferecer-me.
Meu desapego funde-se como neves ancestrais
e sinto algures na alma uma leveza aprazível.

1974

TUDO E NADA

Cumpro o destino agónico
de quem experimentou tudo
na placidez quotidiana de não fazer nada
nem ser nada.

Levanto-me do leito adormecido
e busco no alimento um outro clima onde
se possa viver.

Levo-me por entre gentes
que habitam a cidade
e já não sacralizo com a minha presença
o redor que se tornava outrora
uma memória.

Sou, à maneira moderna, um sage
e não ensino o caminho.

Sinto-me bem, vazio.
O corpo descansado das labutas actuais,
o espírito entregue ao nada
como uma possibilidade de tudo,
os sentidos estendidos
e captando o real que não sabe existir.

1974

OS FRUTOS

Irrazoáveis sinais
transparecem nos meus domínios,
o passado estúpido
que tenta infiltrar-se no presente.
Apago-o como um sopro
que obedece ao destino,
se ontem fui miserável cabe-me hoje
o descanso.

Mudei de espaço quando atravesssei o oceano?
As ilhas reconhecem em mim a ilha à deriva?
Tenho sofrido as injustiças
do mundo.
Arranco-me ao solstício
e viajo por entre mortalhas.
Quanto tempo ainda neste paraíso
sem trabalho?
Viverei o suficiente para colher os frutos
futuros?

1974

INTENSO

Penso.
Agora que nada faço dos dias e sou livre enfim
da mecânica que me prende à sobrevivência do ocidente:
as mais loucas exigências que o espírito pode abrigar,
feitos inumanos com o cariz mordente de novas horas,
diálogos que não consigo idealizar junto aos homens,
feitiços correspondendo ao silêncio das tardes hiemais,
sarças de novas eras onde a religião não será existente.

Penso e vivo ícubo a inclemência do delírio.
Leio vagos livros que me dão a fraqueza do século.
Folheio velhas revistas que foram história essencial.
Apago-me como um brilho que de tão intenso
não pode durar mais que os segundos de uma aventura.

1974

CONCISO

Gostaria de ser mais conciso nas minhas deambulações,
de exprimir o real que vivo nas devidas palavras
que existem sem os engulhos adquiridos no século,
gostaria de saber contar o dia como uma tarefa
que não realizarei, preguiçoso que sou e sem remorsos,
gostaria de me infiltrar no som actual da história
e de descrever o que se passa à volta dos nossos dias.

1974

CERCADO

Passam-se os anos e torno-me uma espécie de experiência.
Nada aprendi que me sirva, nada retenho dos dias volvidos.
Vivo apenas cercado desta erosão feita de presságios altivos
e coberto de uma nódoa que foi sem dúvida esplendor.

1974

UM PERIGO

Recordo-me do muito ou do pouco que tenho vivido.
Do que tenho sido. Do que sou.
Recordo-me como quem se esquece de um perigo
e deixo-me arrastar pelo sonho.

Não que o equívoco tenha desaparecido,
mas consigo agora evitar os preconceitos da dor,

limitando-me ao aspecto exterior do homem.

Sou um vulto que passa ou um vizinho que sai de casa,
tenho amigos que frequento e sítios do hábito,
o racional estabilizou a discrepante maneira de eu ser.

Se sorrio não busco mais tarde a análise furibunda,
de qualquer maneira mudei o ritmo da minha vida.
Não desespero com os eventuais insucessos da experiência.

1974

O HUMANO NO HOMEM

Quero deixar nestas páginas o tempo vivido
entre uma eclosão e um turbido castigo,
a presença de uma gratuidade assumida,
quero levar nestas páginas o fedor da morte.

Compreendo quanto de mim dependia do exterior,
quanto de mim sofreu as tentativas falhadas
para imitar o humano no homem,
a impossibilidade real em fingir que era outro.

1974

CLÍMAX

Não medito sobre a casualidade de tudo,
nem sequer me importo com o mimetismo

de animal arraigado à alma da poesia,
sinto como uma onda de desespero
a morte que cai taciturna sobre os aflitos
monumentos que nasceram no ocidente.

Não nego a música que me abre ao ilimite
extremo, sigo-a como quem realiza um sonho
no clímax do real, em cada percalço fugidio,
em cada mudança de ritmo, e na mente
que lavro com arquejos de suor sibilino
uma construção levanta-se para me desgraçar:

Sou. Estou.

1974

TUMULTO

Canções cíclicas apregoam a verdade actual:
nós somos os mortos.

Parece que no tumulto grávido da multidão
ninguém ouve. Quem somos? Para onde vamos?
Quem são os nossos pais? Onde vivemos?

1974

CÉPTICO

O que pensei de uma acção?
A ideia com que fiquei de um clima?

Estou cansado e céptico quanto ao pensamento moderno, mesmo se aceito a sua originalidade, mesmo se me capacito que é tudo o que se pode fazer. Onde eu vivo todos esses problemas me parecem demasiado remotos, mesmo falsos.

Vivo numa outra esfera
onde o homem é reinventado.

1974

FELIZ E REAL

Leio sobre o fim da civilização
que desgostosos arrotamos,
sobre os crimes mal ou bem fundados,
sobre as sociedades
no que têm de bom ou de mau,
estou plenamente de acordo
com possíveis razões que se dão,
baseadas todas na contradição,

Mas o que pretendo na irremediável vida
de todos os dias é mudar as relações todas
que me separam ou ligam ao mundo,
e assim viver já,
nas ruínas dos edifícios
que se desmoronam,
uma outra possibilidade de ser humano e feliz e real.

1974

LIXO

Posso ao menos revelar com palavras simples e ágeis
a natureza, o conteúdo, o contexto do mundo que vivo?
Mas como poderia fazer do futuro um presente relativo
senão vivendo no tempo a sucessão do que está sendo?

Para isso temos que capturar o defeito e o coercível,
no dia a dia, migalhas de horror e de peste e de fome.

E todos os dias renascer do famoso caixote do lixo
que assiste já ao brilho ainda pálido de uma aurora.

1974

NOS CAFÉS

Não vivo só.

Mas quando os outros trabalham os horários
eu permaneço e encho com a minha presença de mimetismo
os recantos mais escondidos desta casa que não compreendo.

Usufruo o conforto que me tem sido negado nos últimos anos,
aprecio como uma novidade as velhas sensações de estar lavado,
durmo sobre camas amigas
e algumas vezes estou acompanhado.

Rio-me como nunca e nos cafés da cidade que nos recebe bem
sonhamos em voz alta o que talvez nunca faremos
por impossibilidade.

Perdi uma certa impulsividade.
Já não acalento cinismos espertos.

Derreto-me neste calor de animal que é o segredo da festa
e festejo a razão de tudo ser puramente irrazoável.

Quero gozar cada minuto que passa
e me traz miríade de signos.
Compreendo, contudo, que foi graças à dor volvida
que posso tão à-vontade viver o quotidiano
como um orgasmo,
tendo ganho o direito inviolável de não mais sofrer.

Que se passará lá fora?
Que desastres afligem a humanidade?
Que políticas galvanizam agora as massas extenuantes?
Que brilhos percorrem os holocaustos do crime organizado?
Que esperanças abortam os defensores do homem
maiúsculo?

1974

BEM

Sinto-me tão bem.
A revolta que crio no cio do mundo
já não se volta contra mim para me estragar a existência.
Limitado ao corpo possuo, contudo, os alvos exteriores
nos quais projecto alível a esperança.

1974

O HETERÓCLITO

Há um outro olhar
na ignomínia suada
do tédio circundante.

A morte que não pára
de sacar ao mundo
o preço humano.
O nulo nocivo
que navega por entre bandeiras
de sangue.

Expilo e expiro a mágoa
que tolhe a magia impressiva,
fogos de mim esvaecem-se como ideias
que não puderam nascer.

Sinto no cerne imo intuitivo do estar
sendo o ser.

A maldade e o vício,
a brevidade de um prazer,
o que se comeu na casa do conforto
ilícito,
o ser e o não-ser
vividos como gratuidades obscenas,
o heteróclito
que merece o perdão da lógica
inimiga.

1974

A POEIRA E O PÓ

Os trâmites do transe na eclosão trânsfuga do suor,
o medo que é o pão diário
de milhares de existências,
a traição translata que edifica a injustiça no mundo,
o subsídio do social
que não chega a fechar as bocas,
o pavor impávido
que arruma os signos do presente,
os calhaus anímicos
que enchem o vazio do sofrimento.

Cendro a visão do mundo com cinzas do desgaste,
coo o ser da canga inóspita onde figuras de esperança
cantam estranhos ritmos que embalam o coração.

A cerebração do século arrota ideias e ideais humanísticos,
seguidores de credos vão às igrejas da mentira vicária,
abram-se escolas nos quadrívios onde morrem as flores.

Tábuas de salvação escorregam
como almas que desobedecem
à carne que somos quando o instinto é mais forte
que a morte.

Naufrágios de construções
que deveriam enfrentar os tempos.

Temos nas narinas a poeira e o pó das ruínas que nascem.

1974

INOMINADO

Há ainda os homens noctívagos que passam e saúdam,
que fazem àquelas horas nas encruzilhadas do destino?

Que vidas representam no palco do inominado:
faúlhas do ser que agora sou quando os imito?

1974

ANONIMATO

As palavras não bastam para apaziguarem o crime,
aqui, no isolamento propício ao meditar dos casos anímicos,
eu vivo a mais árdua experiência que me foi dado viver:
tudo é vago e a terra firme surge como utopia impossível.
Sou um anonimato e contenho na minha visão de homem
o preço que se paga quando se almeja a liberdade:
ficar para sempre ao nível estético do mar sereno:
um berço onde se pode nascer, um túmulo inesquecível.
Ficar vivo ainda nos é mais importante que morrer.

1974

EXPLOSIVA

Quero ser feliz. Mesmo não percebendo
o significado real e inteiro dessa frase explosiva.

1974

AS LEIS

O prazer tem que violar as leis do mundo.

Nada faço e possuo por uns meses uma casa onde me abrigo:
Estou bem. Lembro-me de certas críticas que fazia
a certos homens e agora apreendo na minha súbita
compreensão o meu erro.

O sofrimento que não se pode evitar não é uma medalha.
Pelo contrário, apenas destrói no indivíduo
as capacidades criadoras.

Não me sinto ligado a nada. As pátrias perderam todo o brilho.
A posse do temporal deixa-me larvamente indiferente.
Sei, contudo, usar os objectos que disponho no quotidiano
e não digo que não ao que o ocidente possa oferecer de conforto.

Cada vez que preciso de voltar ao real para sobreviver
choco com a esterilidade e aridez da época que vivemos.

Vozes falazes aconselham-me a mudar de parecer.
Meu caminho é qualquer coisa que a humanidade receia.

1974

EVIDÊNCIA

Reitero as perguntas formuladas outrora na juventude.
Descubro que a nada soube responder com experiência.
A vida escorre como uma intemperança desnecessária
e estritos indícios não traduzem a evidência da descoberta.

Não tiro conclusões pressurosas sobre o que vivo.
Enganar-me para quê se já não preciso de ilusões.

1974

ORGASMO

Deluzidos caminhos que arvorei quando era jovem
e agora reaparecem na experiência de um pavor:
Olhos de gentes que me viram passar e sofrer.
A recordação lânguida de oaristos com o mundo:
Fui talvez a história que não faço quando vivo
a mediocridade ativa de ser simples e ignorante.
Não dou um peido pelas inteligências que ganham postos
na sociedade que se debruça aflita sobre os escarros,
o mal que nasce nos pântanos febris descobre a máscara
e gritos de angústia povoam as noites do fátuo ocidente.
Querem sangue e na meticulosa altura onde se governa
preparam-se os planos de guerras ditas salvadoras,
criam-se razões para justificarem os erros cometidos,
eles sabem como fazer pagar a vindicta da própria terra.

Não chorarei o destino daqueles que não lutam
nem sabem talvez de que maneira evitar o perigo;
nenhum declínio do homem será suficientemente altivo
para que me possa enternecer e desejar-lhe paz.

Vejo-os que passam atarefados no limite do horário,
olhares vazios que nunca verão o brilho de uma estrela,
bocas famintas que jamais provarão o ilimite do sonho,
vejo-os e não me atrevo sequer a amaldiçoá-los.

Como evitar a esterilidade que a sociedade impregna?
Como desafiar o corpo quando se anseia por um orgasmo?

1974

RODOPIO

Que a música saiba extinguir em mim
uma sede tardívaga de monstruosas manifestações
do humano que se vinga,
agora que preso neste rodopio de luxúria
ao vivo eu gravito longos astros de paixão e de medo.

Cusgam no ar as arrogantes mediocridades modernas
e sobre músicas do desencanto o homem
nasce e morre, hoje quero permanecer estático no vórtice
de tudo para que amanhã assuma a novíssima
condição do nada.

1974

ARREMESSOS

Sei que o êxtase está morto
e tudo se perde.
Sei amaldiçoar a minha carne com arremessos
capazes de um suicídio,
mesmo se agora minto.
Não sei o que quero. Fugir.
Fugir para onde,

se tudo é tecido desta escória
que me avilta?
Se toda a terra gravita de grávidas dores
e o homem que sou
apodrece como uma árvore maldita?

1974

SENSAÇÕES

Quais são os meus pensamentos? Que sensações?
Que sinto de realmente vivido no vórtice?
Este suor de tudo que se infiltra em mim,
e de mim sai como uma adiposidade irremediável,
este ócio de dias passados com o tempo no crânio
e uma alegria feita da angústia que se ignora.

1974

SENSIBILIDADE

Este travo apanágio de um desgosto.
Este rodopio algoz que me inebria e mortalha.
Este sulfuroso deslizar como um tempo canalha.
Este prurido na desfigurada temeridade da era,
Antiquíssimas frases que amei na solidão do inalterável:
*Na minha sensibilidade feita de nervos e humores
também há albergues para turistas de alma!*

1975

VIVER

Descubro na intumescência aracnídea dos dias que passam
estranhas alegrias que se assemelham cada vez mais
a dores e partos. Estremeço de tanto ouvir contar
o filamento radioso do universo
que se acaba como poeiras sulfurosas
que pairam no cérebro.

Leio a ausência timorata de livros e na realidade onde me insiro
busco o sinal do periclitante, a resposta suada do desvelo.

Acho cinzas e auroras sepulcrais, não me compreendo
homem, fujo de mímicas que minimizam a individualidade
essencial.

Cada passo e cada palavra que se dá e se diz e se descobre,
a vida de todos os dias e o tumulto das horas que zurzem,
a grávida demência daqueles que querem o poder de ditar leis,
o espúrio delito que galvaniza as tentações tecidas na carne.

Querem mudar com violência a mediocridade de empobrecidas
pazes, querem duvidar do mal e edificar
o reino salutar da criatividade,
querem colher no seio das musas
os prémios inesquecíveis, querem obedecer ao homem
para melhor perecerem de irresponsabilidade.

Há ainda o outro lado, a outra face, o outro caminho.
Viver é aceitar.

1975

A OUSADIA

Aqui, marca e marco, encontro de duas idades e silêncio e nada.
Ali, mais humano que a própria humanidade,
o brilho do esplendor.

Escrevo na angústia de nada dizer,
digo na tensão de tudo ser e viver e não mentir mais uma vez.
Colmato o vazio do século cujo declínio não é uma palavra vã.
Sofro a loucura que se esvai e teme a ousadia
de ver mais que o real.

1975

O FORA

A utopia em mim não é uma ideia fantasista da masturbação,
é a minha única necessidade de ser feliz,
o meu desejo mais veemente,
o meu prazer mais divulgado,
a minha morte mais dolorosamente sentida.

Estudei no decorrer dos dias a mecânica casual
de ser homem.
Vi os outros que labutam e sofrem,
ou exploram e assassinam.

Vi com todos os sentidos a progressão do mal e do bem.
Compreendi que tudo estava errado e que só o fora vence.

1975

O IMPERDOÁVEL

A poesia espraia-se como uma inutilidade sagrada. Eu profano os moldes estabelecidos com arremessos de vitalidade.

Nas palavras que alinho umas às outras vejo o brilho intenso de uma vida que se descobre centro de tudo e análise do estar sendo.

Anos vividos na sobrevivência quotidiana.

Anos perdidos de cansaço. Trabalhava ao som de trombetas que edificavam as prisões malditas e no peito a vingança arfava como um martelo de violência. Falei aos escravos e só recebi olhares esquecidos da idade antiga e presente.

Voltar para trás é caminhar para a frente?
Quem disse ou provou o contrário?

Habituei-me ao silêncio de casas desabitadas e ao frio da europa. Saía do abrigo em dias de sol e ia sorrateiro espreitar a natureza. Compreendia mal as flores e os rochedos que deslizavam na paisagem. Meditei muitas vezes sobre a carência de homens e fui talvez ingrato.

Agora,
depois de demoras e cheio de dúvidas, escrevo
o imperdoável.

1975

MEDO

Tudo se resume ao medo que temos
mesmo quando nos dizemos libertos.

Medo de não sabermos como enfrentar
situações que fogem à rotina.

Medo de mudarmos os hábitos
enquistados que nos viram nascer.

Medo de sermos pela primeira vez
a liberdade no mundo vivido.

Tudo, afinal, se esconde no medo
mefítico que entrava a felicidade.

Medo que se infiltra no cerne
miraculoso das odisseias humanas.

As noites mal dormidas e os dias mal
despertos porque o medo insano
paira sobre as pessoas e tal uma peste
devora as ilusões do passado.

Já não sei ler os livros antigos
que a humanidade deixou.

Já não sei sentir as emoções
que os poetas sentiram outrora.

Sei que vivo no minuto que passa
a confusão de uma aurora
e quero inscrever na minha carne
o delírio de viver a hora.

1975

FINS DE SEMANA

Nas páginas soltas de livros esquecidos li o meu destino:
não o ter, mas viver a carne e o espírito no acaso dos dias.

A casa dorme e o sol é um domingo abandonado no oco do tédio.
Ouço vozes de crianças e ruídos da cidade que descansa e engana.

Amanhã, ajoujados ao dever de cidadãos bem-comportados,
eles levarão nas mãos suadas de um trabalho espúrio a escravidão.

Eu saberei então chorar toda a dor que sofre o mundo.

Então, levantado ao sol nascente, correndo como um louco
que viu o enigma, poderei cantar as tréguas e o declínio do Homem.

Mas agora a paz é uma mentira de todos os fins de semana.
Agora talvez tudo seja possível e eu completamente desnecessário.
Amanhã é a angústia de não ter que comer e de viver de nada.

Desde quando vivo assim? Os alicerces são vãos ideais
de outrora, a casa é um mito no recesso convicto
que se esconde de mim, a companhia do homem
é uma ideia antiga que sulcou pelo tempo perdendo-se
nos caminhos casuais que levam ao quadrívio moderno.

Que fazer? Apalpo o corpo num gesto de protecção
anímica, aqui está a base do meu sonho, o terreno inculto
dos futuros, aqui vive a estranha necessidade que se quer
fazer realidade, que fazer senão aceitar a vida como aventura?

1975

NOITE

É noite – esta frase é o cúmulo de todas as frases.

O acme nitescente

de uma procura que não consegue deambular
por entre silêncios vadios, a resposta que ninguém espera,
salvo talvez aqueles que têm sofrido
as injustiças de haver homens e diferenças
e exploração anímica do ser.

O subitâneo engulho,

a taciturna pausa de um prélio que não pára,
o dúbio escarificar de sentidos que empestam o ocidente
como se vive hoje o nascimento prematuro
de pensamentos que não são essenciais,
mas na tautologia vigorosa do ódio uma chama
aquece o entardecer.

O êxtase fabrica-se de nada

que se aglomeram na sinfonia do tempo,
esse momento de perda irremediável,
esse minuto de prazer universal,
esse gosto de esporra que invade a estesia aflita
das idades amenas,
a ânsia terebrante que arbitra a luta entre a vida isenta
e a morte.

Agora que a noite cai como caem os homens,
eu prefiguro o caos, busco abrigo no coração onde a idade
atinge auges indefectíveis de angústia e desamor.

1975

A TAREFA

Isolado de tudo e de todos, febricitantemente vergado
sobre a tarefa de desvendar os mistérios que persistem
em viver a actualidade,
de conversar com os deuses antigos
sobre a inexistência deles, de inventar os valores
que desaparecem cada vez que são engendrados,
a minha tarefa é árdua e o meu prémio
é uma cova isenta de perdão.

Quero deixar aqui, à maneira de um cego que não preside
ao cataclismo, o ódio de ter sido o sofrimento
que a queda engendra na alma, quero viver agora
o minuto que se tece de promessas e de vagos vagidos.

1975

O SÉCULO

Ser mais nada. Aqui fico à espera da aurora que empalidecerá
o mundo, cansado de ter viajado como um vento saído do nada,
cansado por ter vivido os anos decorridos entre o nascimento
e a morte.

Aqui estou, as mãos desfeitas na poeira que se despega de mim,
filha nítida do meu corpo, tecido inviolável de uma nostalgia,
aqui, lugar e vigoil esperança, o século não se seduz com lágrimas.

Sou aquele que não sabe nem pode parar. O caminho que leva
à perdição. Sou o naufrago de velhos navios que navegaram

ao longo dos sentimentos. Trago comigo as maldições e as épocas
que me viram passar e morrer. Eu, no trágico desenrolar de todas
as coisas, a fuga, o silêncio terrível.

1975

IRREAL

Dizem-me que falhei em tudo. Mas eu nada tinha a fazer;
nasci, vivi, vou decerto morrer num destes dias.

Sacudo da vacuidade cinzenta da memória perdurável
as palavras. Bafio e teias de aranha, a mitologia antiga
de não podermos mentir, a tragédia moderna
que teima em derrubar as arquitecturas do irreal.

1975

CANSAÇO

Apaga-se e transparece no âmago nitescente
de uma noite breve o silêncio de horas que não traduzem
a estadia do homem na terra.

Verbos do desemprego, a fome e a miséria, a mulher
que chora e ama. Na palavra encontro a minha paixão
e a minha paixão clama.

Tenho vivido. Como um instinto profano que se revela
apto ao castigo. Tenho calcorreado a estranheza e a fereza

do século. Tenho sido um farrapo na mediocridade
que o ocidente incute nas pessoas. Um número
de uma girândola que não acontece nem estremece
com medo.

Mas estou cansado. Este cansaço acumulado ano após
ano, este cansaço soma de todas as decepções,
de todos os enganos prestigiosos, este cansaço no seio
do meu viver. O corpo que desobedece.

Não sei se realmente sigo o que não poderei jamais ser.
Brilhos e flâmulas no meu ódio, sofrimento e raiva no amor.

1975

CADA

Cada palavra é por si só uma abertura para a liberdade.
Cada frase um sentido que se apodera do caos universal.
Cada poema uma face visceral de uma posição no mundo.
Cada livro um testemunho onde o nada reina como esfinge.

1975

ESTADIA

Vou esperando que se façam horas. Para quê? O enigma
estala. Sim, tenho nesta angústia de me ter levantado cedo
a esperança casual no projecto futuro do homem.
São raras as palavras que me metem medo:

dissolvidas na crueldade profícua do século penoso
elas arvoram-se ao esplendor de um sacrifício.

As casas, os horários. A nostalgia por um vago desejo,
o ensejo de não mais pensar. Às vezes o punhal de um ódio
que me parece tão solitário, as carnes dilaceradas
e no espírito a dor.

A dor da qual ninguém ainda soube falar,
a dor de se viver dias e dias no rodopio do insentido,
de assistirmos às estações que deflagram e passam
como um arrepio, a dor mitridática, a dor casuística,
a dor corolário da existência.

Sento-me no gesto de não ficar de pé todo o tempo
que espero. A minha estadia na terra é um grito
que não atinge nenhuma essência.
Vou perdendo aos poucos a minha existência,
o meu fascínio.

1975

PELE

Não preciso de mais espaço para expor a minha ideia.

Traço com leves arremessos de uma disponibilidade fingida
a teia que me asfixia, e sou na aranha insípida
o voraz destino que se esconde nos dias desencantados.
A torre dorme, o homem mortalha-se com os últimos
vestígios de uma esperança antiquíssima.

Vou no caminho do desconhecido e vagueio,
à esquerda a opção impossível,
à direita o que a vida de hoje me pode oferecer.
Recuso, quero dizer, recuso-me.

Falam-me do sistema,
das estranhas greves que paralisam o ocidente,
das fomes que despovoam o mundo povoado de tanta miséria,
fico absorto e condoído, estarei eu também no símbolo de barro?

Minto. Arranho a minha estesia que se quer ainda insolúvel.
Na minha pele escrevo o diário do século, possosso possuo
a origem e o fim da minha angústia.

As noites são sulcadas de suores que enlouquecem.
Os vícios espalham-se pela terra como frutos da demência.

1975

QUERER

Saem de mim exalações, o homem vive-me, concedo.
Piso na terra esses passos que se edificam no arbitrário
e canto melopeias ensinadas pelos avoengos.
Quero reconhecer-me terra, quero amar a minha origem.
Mas querer não é achar.
Tacteo, a imagem esboroa-se como indefinível castigo.
Alago-me de um suor que galvaniza o meu desespero.
Tramam-se armadilhas no sítio do ser. Ah, viver!...

1975

O HORIZONTE

Reviço a sensibilidade. Estilhaço a panóplia.
Desfloro o espaço. Teço com a minha angústia uma cúpula
de altos desígnios que não sei colmatar.

Julgo-me um estranho e lúdrico altar, a brevidade nula, o auge.

Em mim brotam forças desmedidas e o engano quotidiano
apodera-se da minha fortaleza. Quero luz
na acalmia transparente da dor,
quero o amor no simulacro da carne que se transfigura.
Esse é o espírito que comanda o mundo,
esse é o fruto maduro de uma nova história.
Perscruto o horizonte nada. Sim, esta paisagem do medo,
este céu sanguíneo, estas árvores em descampados simétricos,
este estremecimento de mim mesmo outra coisa.

1975

UMA MÁSCARA

Estou diante de mim mesmo. Vejo-me tal como sou.
Uma máscara.
Olho-me nos olhos e não sei se choro, se rio.
Falo-me das razões que me trouxeram a este sítio.
Revelo factos que não desconheço, espicaço a memória,
folheio livros do passado, fotografias,
amarelados poemas de um fastio indesculpável.

1975

ROUBO

Roubo ao testemunho do século a casa onde jazo.
Ouço os juízos daqueles que pretendem salvar o mundo.
Vejo nas acções o fio indelével de uma destruição.
Assisto lividamente transfigurado ao tempo que se constrói
com fáceis aquedutos, sibilinos passos, doidos passamentos.

Mas agora esta voz que canta, estes sons que são o apanágio
de uma liberdade incontestável, este amor que se filtra
das rudezas desumanizadas do universo, agora este brilho
súbito na clareira insuportável do asco,
agora estes minutos de um prazer que não tem bitolas.

Esta voz que ecoa e diz: *Still I thought I'd make it.*

1975

FOME

Largo as amarras do pensamento:
estranho, o barco não voga nem sai do porto onde se abriga.
A equipagem não existe, a peste veio e lambeu os corpos
dos homens, aqui, onde nada mexe, no silêncio absoluto,
escrevo, como um carrasco que estrangula a vítima,
o meu amor próprio.

Vou dizer sim, na corrupção e no engano, vou dizer sim.
Entregar-me ao bem, eu que tenho tantas e boas afinidades
com o mal. Dizer: senhores, o outro que fui morreu, sou outro,
vejam o meu aspecto, escutem as minhas razões:

vazio e estupidez. Digam o que disserem, estarei de acordo. Quero apenas descanso, descanso. Dêem-me uma profissão qualquer: todas são iguais. Em nenhuma saberia realizar-me. O meu sonho foi maior. Quis tudo. Tudo. Eu que estava perdidamente centrado no nada.

Agora não me rio dos discursos políticos, Aceito o que dizes e talvez tenhas razão. Finalmente és tu que vives no conforto, na riqueza: deve haver válidos motivos para crer no que dizes. A mentira não existe. Existe sim esta fome de dias mal dormidos, esta fome por tudo, esta fome devoradora, esta fome anímica, esta fome que empesta o meu lugar, esta fome fome de tudo, esta fome.

1975

A POLUIÇÃO

Estou verdadeiramente podre. A poluição não é só um mito. É, por vezes, a própria essência de sermos homem. Estou pois gasto por nulas batalhas onde o desespero teve um papel esclarecedor, estou prestes a desfalecer.

Não vejo mais nada. Escuto o ruído caduco do relógio, grave sobre a minha carne as horas que desfilam como anúncios de declínios.

Eu próprio não acredito em mim mesmo.

1975

NINGUÉM

Folheio livros daqueles que me disseram alguma coisa quando lia desalmadamente, são os mesmos, compreendo-os. Tenho tocado um pouco em tudo, tenho compreendido tudo.

A minha vida não a compreendo eu.

As certezas são-me adiáforas, nasci, vivo, vou morrer.
E depois? E esta miséria? E este exílio? E este sofrimento?
A máquina que esmaga o homem, chamam-lhe capital,
ninguém se interessa verdadeiramente em destruí-la.
A máquina que come homens e estraga existências.

A máquina despovoadora.

Abro a porta. Ninguém. Não contava com ninguém.
Está calor, escrevo, nada mais interessa.
Sim, destruir a máquina, ou inventar o homem.

1975

TRABALHAR

Levanto-me às cinco horas da manhã. Tomo o metro.
Vejo as mesmas caras desgraçadas dos mesmos miseráveis,
velhos rostos já carcomidos pela miséria, pela má vida,
velhos corpos que se obedecem porque o hábito existe.
Às seis e um quarto começo a trabalhar. Sou um limpador.
Ter um emprego, que emprego mais lindo e profético
poderia exigir? Limpo a merda dos outros, nas casas

dos outros, para mim mesmo me digo: limpo o universo.
Consoladora mentira. Limpo no silêncio das horas primeiras,
o corpo no ritmo, o pensamento ou desvairado ou embotado,
não vejo, não ouço, não sinto, limpo a merda dos outros.
Dura quatro horas, Depois despeço-me do chefe, digo
um até amanhã mitigado, tomo novamente o metro.
Mas agora nada vejo: estou cansado, cheiro a lixívia,
meu corpo sua com o calor desta estuporada primavera:
chego a casa uma hora depois. Como pão e bebo água.
Atiro-me para a cama e finjo que durmo. Quero ser feliz,
preciso de ser feliz. Mas não durmo. O ruído da cidade
entra-me pelo quarto dentro, a claridade infiltra-se pelas réstias,
ou o contrário, não consigo dormir um sono repousante.
Às cinco da tarde levanto-me, e de novo tomo o caminho
do trabalho. Às nove chego a casa, como qualquer coisa
e deito-me. Não tenho sono. Terei sono? Deixo-me embalar
pela noite.

1975

QUALQUER COISA

Não ponho a minha esperança em nenhum sítio.
Guardo-a como uma velharia num sótão de qualquer coisa.

Sou vago e impreciso, tanto melhor.

Mas ouço, cada vez que posso, a música que amo.
Encho a casa de sons que estalam e de vozes que gritam.
Meu corpo brilha, eu componho um silêncio de escuta.
A música.

Tantos discos que preencheram a minha vacuidade animadora,
tantas horas achadas no balanço de ritmos e dissonâncias,
tantos êxtases que fariam medo à própria essência.

Ponho a minha esperança, à maneira dramática de um naufrago,
nos discos que ouço.
E que roubo.

1975

AQUELES

Sinto-me alagado por milhentos gritos que sufocam
e não me vivem.
Morro na asfixia de me saber homem e de não poder
gozar a vida.

Aqueles que nascem trazem já a canga da classe.
Aqueles que morrem despedem-se dos últimos amigos.

1975

PALAVRAS

Tenho a consciência nítida da carne que sou. Tenho-a demais.
Não sinto batalha alguma entre o espírito e o corpo.
Confundo-os e não tento deslindar o mistério do ser.

A verdade não se diz. Não há palavras para o ser.
De tudo o que se diz, resta a mentira, a sagrada mentira

que une ou desune os homens, que inscreve no mundo
a sua força de perdição.

1975

CADEIRA

Acordei com uma nuvem na cabeça:
vacilo em cada passo
que dou.
A febre alastra-se aflogisticamente. O sono concentra-se
nos olhos.
A respiração aflante estremece no meu corpo,
sinto-me mal.
Acordei agarrado a este desespero, vontade
de fugir,
desejo de vomitar todo o fel
que acumulei durante todos estes anos.
Não sei o que fazer.

Estou doente?
É domingo e o calor foi substituído por um dia cinzento.
Alguma relação com a dor de cabeça?
Estou amarfanhado, não consigo segurar-me
na cadeira
onde escrevo estes versos.

Acordei e pensei sobretudo na minha terra.
E achei-me tão órfão.

1975

SÓ

Desaba-se sobre mim a miséria que ignorei durante tantos anos.
Eu era só e não me importava com o precário da minha existência.
Hoje que vivo na presença de uma mulher, não posso evitar
este desconforto de casa sem móveis, de cozinha sem utensílios,
de mesa sem pão nem vinho.

Vivemos do que vendemos, e vendemos no trabalho o nosso corpo,
o espírito, o cansaço de gestos maquinais, a repressão de chefes
que esguardam. Vegetamos? Sobrevivemos e não sabemos
onde cair.

Estou terrivelmente cansado. Trabalho, não faço mais nada.

Queria escrever outros poemas. Mais felizes, ou mais calmos,
mais reflectidos. Ficar sem fazer nada. Olhando as peripécias
do ser em devaneios, queria o sossego do espírito, a luz tamisada
do dia, queria o amor livre.

Dão-me um horário que deve ser cumprido na sua exactidão
estulta, dão-me um salário que não chega para pagar a casa,
dão-me um sentido à vida que repudio e desejam-me
as felicidades todas.

1975

MISERÁVEL

O estrénuo desejo de deixar de ser, se ser é sofrer sempre.
A miserável pretensão de desaparecer da superfície da terra.

Viajar, viajar no roldão de caminhos que desconhecemos. Viajar através do ódio que incha as pessoas, através da pausa do amor. Viver como um vento que se ignora, quero deturpar o século que se faz história e é tecido com crimes que não são castigados.

Ah! Esta faca que jaz sobre a mesa, condoída e simples. Este instrumento capaz de acabar com a minha existência, por que não fazê-lo agora, agora que estou só e não visualizo o futuro com melhores cores, agora que o sentido da perdição é mais forte que a vontade visceral em viver, e ficar na terra como um animal que nasceu e não sabe falecer. Por que não agora? Lembra-te, se te queres matar, por que não te queres matar? Ah! Tudo o que ganhei na sucessão dos dias, esta fealdade e este cansaço.

Seguro na faca e acaricio-lhe o gume letal, encosto-a ao ventre, pico-me na pele que se fecha como um vulcão raivoso. Empurro um pouco mais. Não, não sou capaz. Que pena ter tanto medo: o suor. Limpo o suor que desliza nas fronteiras, abandono a faca diserta, esqueço as insinuações apaziguantes. Excogito. Minto-me. Tenho medo. Medo.

1975

NO DELÍRIO

No delírio e na febre, este ser mais que ser, aqui, aqui, na angústia, esta força capaz de me tornar desumano, esta força que me impele para as regiões do perigo, este impulso de vozes vindas de um além, aqui, mais uma vez, agora que a hora se faz de corrupções

e de faltas, o delírio extemporâneo,
esta náusea e este súbito prazer,
o amor, o ódio, tudo o que tenho vivido no vagido
que corrompe os alicerces do estertor, aqui, no imo repentino,
no cerne duvidoso, no acme furioso, eu vivo e brilho,
desacordo que antecede as quedas do destino, fogo que foge
dos declínios, não sei o que pensar de mim mesmo,
estou de fora e sinto-me dentro, dentro.

1975

FALEMOS

Músicas que na filigrana do tempo souberam depor
sobre o meu corpo riscos e feridas, desfiladeiros do imperecível.
Falemos seriamente do passado que me viu desabrochar
como uma flor estranhamente arbitrária e desconhecida,
falemos do despovoamento, da sucessão inviolável dos dias,
eu que tanto temo repensar os passos que dei, eu que não visualizo
o interesse de análises peremptórias, falemos do que tenho sido,
se tenho sido, se não sou um enigma.
Homem, cobre-te do lodo que te viu nascer, despe-te
das roupas cadavéricas. Olha o sol e curva-te
como um escravo diante de ti mesmo, mistério,
intrusão no esplendor da natureza.

Quero dormir com a mesma selvagem anomalia sobre as camas
desfeitas, dormir como uma criança que ignora que um dia
será um adulto físico, como uma criança que se pensa eternidade.

1975

O ALCANCE

Enfim, eu,
no fim maiúsculo do século
que não ultrapassa a sensibilidade,
no fim dos fins e tudo é deserto,
frases que li e ralhos desobedecidos,
sem mestres nem deveres,
livre como a palavra não pode
exprimir o alcance.

1975

O PRESENTE

O medo.

O indesculpável medo do que não sobreveio ainda,
a isso chamo velhice.

O ocidente está velho, receia cada passo
que se dá em frente,
quer resistir à juventude de certos homens
que vivem já o presente.

O ocidente que se perde quando pensa
que encontra as soluções que busca.
No medo mais medíocre, na náusea mais nauseabunda,
esta morte que fede e queima.

1975

FRASES

Exauro a capacidade de sofrer, esvurmo a chaga anímica
onde o meu ser se traduz pela negação, disturbo a ordem nefasta
que preenche os dias com a suavíssima poeira, germino no seio
de um ovo que não sabe eclodir, derrubo a estátua de barro
que permanece no sítio do dever, do haver,
justaponto o vazio multívio e na clareira aberta
da minha insofismável posição no mundo desfaleço.

Ouçõ o estertor de estranhos moribundos que desconheço,
vejo no mundo o caos de frases que vencem a humanidade
e a deixam liberta,
assisto ao ramerrão ancestral de ideias que buscam no real a força,
e homens que desfalecem quando os sistemas enobrecem de dor,
e mulheres que vestem a fealdade de uma nudez incapaz de criar,
e crianças que pisam nas poças do inverno a essência da morte.

1975

INFLUXO

Vertigens.

Dobrado sob o peso de dores que nascem do cansaço diário
vivo sob o influxo do mundo, do medo de morrer ainda hoje,
do medo de não poder acabar de outra maneira, mais humana.
Mas que humanidade espero eu na minha morte?

Eu que desespero de não encontrar a silhueta, a imagem
que me dará a força do enigma, a razão do meu viver na terra.

Tenho tauxiado no meu azedume uma febre de desilusões eternas,
no meu peito, embora nada se veja quando o mostro na sua nudez,
escondendo um escudo que me protege dos maus olhados,
dos egípcios requebros que fendem a alma, dos dedáleos
onanismos que galvanizam a terra extática.

No meu olhar eu prefiguro a animalidade perdida
e a mentalidade futura.
Emersão de um sonho que se espalhará pelo planeta
votado ao ostracismo.

Na minha alma abre-se uma pétala de uma flor inesquecível:
Ser e não ser, aqui e ali, neste espaço que não vigoro.
Neste tempo que se demora, eu, em mim escora de outra coisa,
uma fuga para o infinito, o regresso ao lar.

1975

DESCOBERTA

Vivo debaixo desta impressão impregnada
de contusos amorfismos,
sinto-me vivo embora perplexo e trivialmente
arrastado pelo paradoxo,
recolho-me nesse movimento descrito nos livros
ontem dedicados à metafísica,
minha plenitude tem muito a ver com a necessidade
maior de atingir o caos.

Penso todos os pensamentos engendrados
pelo século que teme a descoberta,

na minha alma animo um estranho brilho
que outros chamam sarça ardente.

Falam-me de progresso, das máquinas
que incendeiam o horizonte, e eu rio, rio.

1975

ESTA CHUVA

Chove sobre a terra de um verão que se ignora
na vingança das estações,
chove e eu choro encostado à janela vendo a chuva
que cai como um ramerrão.

Um afluxo de memórias ocorre-me ao pensamento,
outros que foram eu outrora,
agora cadáveres tumefactos que emergem
como dádivas de um deus.

Em mim um silêncio mortuário,
no redor que é vizinhança esta chuva negra.

Sinto-me na lágrima que desliza e eu mesmo já posso amar
o destino, o caminho que tenho trilhado,
as pessoas que têm convivido comigo, eu mesmo
me sou estranho, agora que no choro coloco
todas as minhas esperanças.

Chove e eu sou enigmaticamente a terra
que encharcada respira sofregamente, abro os braços
para receber no meu amplexo a água
que fertiliza os campos.

Assim, também as lágrimas debitadas pela minha emoção
que rumoreja hinos insuflam
na minha vida uma outra razão de ser,
estremeço quando me revejo.

1975

DISCOS

Não aguento o silêncio desta casa que não me pertence.

Ouçó a música que amo, discos que me acompanham
como companheiros úteis, e a casa enche-se de sons
e de ruídos, de ritmos e de rimas, estou melhor.

Ouçó estas guitarras que se desafiam e desfibram
as arrogâncias dos sons, nesta feliz bateria eu pressinto
o rumorejar de céus que se revoltam, no baixo sinto
bem a calma de pontuações que dizem ao tempo
o limite das acções humanas, e o piano é uma feira
de virtualidades enganadoras.

Instrumentos!

Quando a guitarra se isola sobre um fundo
de leveza corporal,
ei-la que fabrica à maneira de um tecelão
a trama de cinzelados painéis,
ei-la que canta e chora e fala como um humano
entregue ao sofrimento, a guitarra que sobressai
e no imbróglío da capacidade sonora diz que está.

Vivo-me muito mais
quando embalado por rios de música
que elaboram no ser
uma calma onde atinjo o maior grau
do desfalecimento, venho-me porventura
por todos os poros que o corpo tem e a alma não fica
indiferente ao sortilégio.

Músicas que me violaram.

E trouxeram razões de existência onde o desespero
imperava como um algoz do absurdo,
músicas que na memória se misturam
e formam novas músicas,
essas criadas por mim, no lazer das horas sem trabalho,
na dor dos movimentos que faço quando labuto
e não sei acabar com o meu desamor.

Ouço-as todas, e sinto-me mais humano,
mais perto de uma realidade futura.

As vozes de poetas que tiveram a sorte
de cantarem o que a alma lhes dita,
essas vozes que confundo às vezes com mensagens
vindas de outros mundos,
essas vozes essências de um sentir que se perde
ou que ainda não existe.

Ouço-as na minha sensibilidade afeita
ao doloroso engano da arte, e choro.

1975

CORAGEM

Sol e solidão,
areias onde os meus pés não pisaram as fímbrias do deserto,
deste deserto que a vida é quando nos esquecemos
de viver, de ser, de gozar.

Ninguém vê ou tem a coragem de ver o castigo
dos tempos modernos,
a impotência de não se modificar o real.

Sou quem sou. Estou onde estou. Vivo o que vivo.

Quero dizer: digo.

1975

UM TRAVO

Quero-me na estrutura do real uma sombra que paira
e leva ao desejo a voz nostálgica de primaveras
que não foram vividas nem achadas nem dadas,
o discurso tece-se de novidades aprendidas no quotidiano
da dor.

Cada vez que abro a boca sinto na minha sensibilidade
um travo de desgosto, digo frases que atingem a comodidade
do minuto, mas não vislumbro no acme o desejo
e a fereza inumana de uma paixão capaz
de originar vida e sonho.
Vejo sem ver, sinto sem sentir, nada transparece no sítio do ser.

Nada sobressai no marasmo a que assistimos
com as mãos presas e velhas.

A casa é um casulo do irreal, a alegria não é,
mas aparece nula como transmissão ignóbil
de uma esperança que não existe, mas é venerada.

1975

A VITÓRIA

Querer não é ser, e lido o poema depois do calor
que o criou, revejo apenas certas palavras
que me são muito caras, não o sentido que inocente buscava.

Minha paixão é urdida de tremores que acendem no ser
fogueiras, falo-vos da batalha quotidiana,
da cerebração que antecede a vitória.

1975

O SILÊNCIO

Não me incomodo com a solidão a que estou votado,
tenho anos de avanço em relação ao percalço quotidiano,
o futuro não é uma hidra se sete cabeças, ele obedece
ao meu desejo actual e faz-se de uma loucura
que os contemporâneos temem.
Aqueles que não me compreendem fingem que se mexem,
falam alto para se ouvirem, receiam o silêncio

e querem a todo o custo a companhia.

Aqueles que estão destinados a morrer nunca nasceram
nem souberam viver a ousadia de não se sentirem homens
num tempo que implorava chacina.

1975

LAÇOS

Deixar neste livro a simplicidade sem equívocos
de uma possibilidade.

Deixar transparecer o que de futuro se vive aqui.

Escrever na frase actual a vontade de permanecer, de ser
inteiramente livre.

Rasgar ao ser os seus mistérios invictos.

Povoar a terra com a ternura que desconheço.

Amar no que digo a essência de um destino completo.

Eu, na ousadia de me saber indivíduo no seio de uma aurora,
e todos os mais, homens da terra, mesmo se é um mito
a amizade cosmopolita, mesmo se é inútil a fraternidade
a longo alcance.

Sinto-me ligado por ínvios laços ao mundo que me detesta,
não sei ler os signos que empestam a tirania
de ancestrais tradições, no convívio diário com as pessoas
não consigo atingir o acme da comunicação.

Do que tenho sido ignoro as causas e os efeitos,
ouço na música contemporânea a ilusão de possuir

um substrato, a essência humana.

1975

INSTANTE

A difícil posição de estar rodeado de mundo
que explode em cada instante,
de não me poder alicerçar num terreno de paz.

A angústia de viver numa terra que muda e envelhece,
a dor orgânica e anímica que cresce no peito e vem asfixiar-me.

Estes acidentes, estes percalços, estas políticas,
esta maneira tanta vez inessencial de nos vivermos.

O momento de reflexão,
o minuto periclitante de uma revelação ontológica,
estarmos e sermos,
aqui,
na terra inviolável dos enigmas serenos, no silêncio
de esfinges que velam a nossa estadia, o nosso logro.

A fome que deturpa, a miséria que avilta,
a exploração que animaliza.

A necessidade de morte, a caça, o poder que mata,
a náusea moribunda.

As leis que impedem os homens de ser livres:
das irresponsabilidades que criam no seio das metrópoles,

dos crimes que incendeiam as casas onde os lares querem ser,
dos desnivelamentos a todos os níveis.

1975

DOS TUMULTOS E DO FUROR

Sinto-me por vezes de fora de tudo o que acontece à minha volta,
como se vivendo num outro mundo, longe dos tumultos e do furor,
aquém do silêncio de todas as coisas,
muito além da matéria que nos rodeia e empobrece.

Em mim os grandes problemas da humanidade
resolvem-se no dia a dia, em batalhas onde sou sem dúvida
o vencido e o vencedor, na acalmia que segue as intempéries
dos sentidos, no sentido que busco sem o saber,
na descoberta a que dou uma importância mitigada.

Dizem-me: tudo é nada.

E depois? Minha vida no que tem de ludricamente miserável
não mudou. Continuo o mesmo escravo
com a consciência aguda da prisão.

Dizem-me: tudo vai mudar.

Mas como, se me diziam que tudo é nada.
Brinca-se com as palavras e a dor está aqui,
a dor inefável. A dor.

Por vezes abandono-me ao pessimismo, desejo descanso, paz.

Afasto-me da cidade que envelhece o homem e busco nas réstias
de campos a reflexão, o diálogo de solilóquios que enobrecem
minha estadia na terra.

E depois?

Depois regresso ao burburinho inseparável dos roedores de alma,
labuta dos dias estagnados nos horários castradores,
depois tento esquecer-me e não sou mais aquele que é.

1975

LÍQUIDOS

Deixar no mundo um rastro de sofrimento,
este sangue que ninguém terá a ousadia de beber,
este esperma perdido nos terrenos da infertilidade,
este suor que se esvai e atinge o paroxismo do calor,
líquidos no amorfismo redentor de qualquer coisa.

1975

GASTO

Viver na cama o destino de ser livre de horários e do trabalho,
o destino que se insurge contra as correntes da escravidão,
este desamor e esta náusea por tudo o que tenho vivido.

Nada me atrai. Tudo demasiado velho, gasto, perdido.
A civilização ocidental nada me diz.

As opiniões que acalentámos ontem e são hoje caducas,
as verdades que nos guiaram na miséria e na ignomínia,
os princípios, as leis, os manuais moralmente caquéticos,
de que serve tudo isso?

1975

A LUZ

E depois a luz, este clarão permanente nos meus olhos,
esta faca que me corta os tendões do sonho,
esta mesa onde me deito para a operação da desmedida.
Grito soltas palavras avulsas que ninguém ouve,
choro como um filho que nunca conheceu mãe.

1975

O SELO

Fustigado pelas intempéries sazoadas da luz que fere
abrigo-me na calma mole de noites que se espraíam pelo silêncio,
creio na minha imortalidade, não vislumbro o selo da eternidade.

Na noite onde não sou, mas estou como um filho monstruoso
das razões que sulcaram a história das civilizações,
na noite airosa e amiga agora,
na noite onde a escuridão é um apelo do impossível.

Reflecto sobre a estadia nesta terra que não admiro,
repenso o que sofri nos debates com o mistério,

revivo a dor de ter a pretensão de não me sentir homem.

Ler não é suficiente. Amar é um episódio do destino humano.
Odiar é a luta em que se bate um homem predisposto ao novo.

Morrer é o acto mais puro do homem.

Morrer sem ter tocado em nada, sem ter sentido a náusea
dos dias, sem se aperceber do medíocre presságio
que galvaniza, morrer como quem espera a voz melodiosa
do nada.

1975

ESTA OPORTUNIDADE

Nunca vivi desta maneira o ser.
Nunca neguei à vida esta oportunidade única e última:
escrever fora da história e para mim,
diante da morte como um festim.
Escrever sem buscar nas palavras um sentido razoável,
nunca me senti tão perto de outra coisa.

O que procuro encontra-se algures, entre um som e um silêncio.
O que temo descobre-se nas margens serenas do ser.

Estar aqui e viver.
Como um homem,
como um projecto,
como uma carne que quer gozo e fetos,
no difícil parto de ideias que abandonam o quotidiano,

no fácil pranto de quem assiste à sua própria morte.
Nunca vivi desta maneira o ser.

ESTA SALIVA

Nada me edifica na corrupção maquiavélica do tempo,
tudo estagnado, estático como outrora eu desejei viver.
E este suor de dias mal assimilados.
Esta saliva de verborreias estultas.
Este pó no fim de cada gesto, de cada palavra.

Dói-me percorrer os caminhos que outros já trilharam,
que dizer as frases que outros já disseram,
que morrer da mesma maneira que os outros morrem.
Dói-me viver no comum a miséria de ser
uma partícula do profano,
mas dói mais sabê-lo.

O silêncio contemporâneo abre-se em vozes que me desvendam.

1975

LIVROS

Escrevi livros centrados todos mais ou menos no nada,
cheios desta substância que enche os dias ignaros.
Livros onde pus a minha alma, onde inventei uma aventura,
onde viajei por meandros indomáveis de rios desconhecidos,
sem embarcadouros à vista, sem fim previsível.
Fui a inocência e o crime.

Tenho escrito os versos mais imperfeitos do século,
na arte mais corrupta de todos os tempos,
na aflição mais odiosa.

Esta necessidade e este martírio, esta agonia e este êxtase,
escrever sem saber,
na superfície de tudo, na profundidade de nada,
tenho inscrito na estranheza da terra um grito de esperança.

1975

É com uma certa vergonha que apresento mais alguns exemplares dos quatro livros escritos em Paris e em Londres nos anos 70. E que eu chamei de Exílio. (Ver o pequeno comentário que aparece nesse livro). Eu que muito mais tarde apresentei uma outra maneira de se fazer escrita a experiência dos dias, a que chamei porética, tenho que concluir que muitas dessas intrusões do novo já tinham tido expressão nesses quatro livros. Só que sem a ajuda da estética. No sofrimento eu não consegui nem ainda consigo, para dizer a verdade, armar-me da ilusão da genialidade. Pois tanto no livro Exílio e mais neste livro Exílio II, a intrusão do sofrimento social, político, civilizacional se faz com um denodo da obsessão, da repetição, indiferentes à lógica da arte, que para mim, a leitura destes livros, hoje, se me tornou insuportável. Como fui capaz de ser tão objecto? Tão miseravelmente inocente? Não deixam de ser, contudo, o Exílio e o Exílio II, a expressão de experiências vividas. E para mim a literatura tem, até certo ponto, de ser vivida. As palavras não fazem um mundo.

Silva Carvalho

FOTOS:

CAPA E CONTRACAPA DE LUÍS SILVA CARVALHO,
PARIS, ANOS 70.